

"TENS ASAS COMO AS AVES E FALENAS"...

LUZILÁ GONÇALVES FERREIRA (UFP)

Foi pesquisando a poesia escrita por mulheres no século passado - uma produção vastíssima e interessante -, que encontrei Ana. Num Almanach de Pernambuco, ano de 1890, num poema intitulado "Ao luar", alguém assim escrevia:

Eu não sei que tristeza indefinida
Traz-me um luar assim... Ave erradia,
em um misto de dor e de alegria,
voa minh'alma em busca d'outra vida.

Era a fala de um poeta de verdade, que a continuação do poema não desmentia. Olhei a assinatura: Ana Nogueira Baptista. A partir de então, saí buscando aquele nome pelos jornais da época, que a certa altura, no Recife, publicavam diariamente e em primeira página, um soneto. E encontrei contos, crônicas e muitos poemas assinado por Ana, no Jornal do Recife, no Diário de Pernambuco e na Revista "O Lyrio", editada por mulheres no começo do nosso século. E traduções tantas, tão belas que pareciam terem sido escritas em português mesmo: de Verlaine, de Sully Prudhomme, de Anna de Noailles, de Hélène Vacaresco, que já me informavam sobre a cultura e o gosto literários de Ana. Semanas depois, por um desses acasos que ajudam o pesquisador, descobri, na pessoa de uma amiga, uma sobrinha de Ana, que a conhecera, e essa "Tia Sinhá" era a velhinha mais culta e inteligente e adorável do mundo,

falecera aos 95 anos em 1965 e a família havia publicado um livro de versos seus, um ano antes de sua morte.

Alegria e emoção de dar um rosto àquela fala. E olhar o retrato de Ana jovem, na época do noivado com o poeta Manoel Sabino Baptista, com quem casaria aos 16 anos e que morreria 3 anos depois, após uma doença de oito dias. Então eu soube como Ana, mãe de dois filhos e esperando um terceiro, dera aulas num colégio de Fortaleza, vindo depois para o Recife. Aqui dava aulas particulares durante o dia e à noite, seguia os cursos da Sociedade Propagadora da Instrução Pública, instituição mantida por alguns dos melhores professores do Estado, que ali ensinavam em caráter benévolo. Nesta cidade, Ana ensinou e viveu por muitos anos, e se uniu ao grupo de escritoras que redigiam "O Lyrio", que se designava como "a única revista escripta exclusivamente pela mulher brasileira".

A obra de Ana Nogueira Baptista, esparsa nesses jornais, executa praticamente a mesma trajetória da produção poética de outras mulheres da época. A poesia é o lugar da fala possível, da possível evasão - ocasião de ser ave e falena. É possibilidade de auto-reconstrução do sujeito individual: espaço onde um eu se desveta e se oculta, estruturando uma imagem de si que é a construção de um Ser. Há também aqui toda uma visão pessoal do sujeito enquanto aquele que faz - e esses atributos do fazer nos entregam um fazer "feminino", nos papéis que desempenha, em seus projetos pessoais. Num terceiro momento vemos como o sujeito lírico toma posição em face do outro, em comparações, em relações dialógicas, recuperando ou rejeitando o olhar do outro sobre si, o outro sendo representado por outras mulheres, companheiras de vida e de projetos, como nas poesias dedicadas às redatoras de "O Lyrio" como dona Amélia Beviláqua, Ursula Garcia e a outras mulheres. Esse outro pode ser também amado, os filhos, alguns poetas, e a presença do Sagrado: Deus, os santos, a religião.

"Já quantas vidas vivi! Já quantas almas eu tive."

O eu lírico, em sua tentativa de se descrever como aquele que é, descobre em si uma multiplicidade de sujeitos possíveis. Essa descoberta nos entrega uma poesia, em que o eu enunciador se coloca no texto como uma voz na primeira pessoa: e o pronome eu, os

possessivos **meu, minha**, acompanham verbos que indicam movimentos da alma, sentimentos, impressões lançadas sobre o mundo e as pessoas, num voltar-se contínuo para seu universo interior. As visões do mundo exterior - o lugar, aspectos vários da natureza, uma viagem pela madrugada, o raiar do dia, uma manhã de sol, o mar - as lembranças do passado, provocam um ensimesmamento do sujeito que fala, e são pretexto para uma análise íntima, que nos entrega a visão que esse sujeito tem de si, como afirma sua identidade, sua capacidade de elaborar sua auto-construção. Ele se descobre, por exemplo, um eu marcado por "um sentimento estranho de saudade" injustificada, ante o luar, como se houvesse vivido outras vidas:

Parece que há no peito uma ferida
Que sangra sem doer... e fria, fria
uma vaga e profunda nostalgia
vem me tocar a fibra mais dorida (Ao luar).

O verbo que inicia o verso já instala a imprecisão do sentimento e a conseqüente dificuldade de dar conta dele, corroborada imediatamente pelo aparente paradoxo que se lhe segue (a ferida que sangra sem doer e a existência de uma "fibra mais dorida", nesse peito que tenta se dizer). Na seqüência do poema, Ana confirma essa indecisão, com expressões que a própria existência do poema desmente. Ela escreve "não se define o que minh'alma sente" e fala de um sentimento de saudade "que se experimenta mas não se traduz", o poema sendo entretanto o desmentido dessas afirmações. Essa nostalgia indizível/dizível, instalada no sujeito quase como uma qualidade a ele inerente, é presença constante na obra poética de Ana, e não chega a se opor a um atributo outro do ser, também presente no eu lírico, que é a alegria, formando-se desse modo uma harmonia de contrários que só aumenta a beleza do dizer. No poema "A viagem", essa alternância se faz presente na descrição das sensações experimentadas pelo eu, ante os contrastes que apresenta a natureza em suas metamorfoses. Se o "clarão da alvorada/vem doirando a serrania" e a lua minguante é "alva flor despetalada", o eu presente no texto, ao distinguir as "formas obscuras/das plantas nuas, despidas", emite um julgamento que lembra a presença em seu coração daquela antiga e permanente nostalgia. Vê naquelas plantas, "cruzes erguidas/à beira das sepulturas" e enuncia, numa estrofe, a presença em si, dessa luta:

De madrugada a frescura
Gostosamente me invade,
Mas no meu peito a saudade
Tristonhamente perdura...

Em outras ocasiões, a poesia é o lugar da auto-confissão. O eu pode se construir, por exemplo, em oposição ao que normalmente atrai as demais pessoas tais como dinheiro, desejo de poder, considerações que fariam dessas pessoas personagens definidas ante os olhares dos outros, qualidades de ambição do ter, do parecer. Como no poema "Confiança", que tem epígrafe de Anthero do Quental:

Já não desejo, enfim, para meus dias
Os requintados gozos da riqueza;
Não me seduz o brilho da grandeza,
nem da glória as fugazes alegrias.

Não me tentam do amor as fantasias,
nem do futuro assusta-me a incerteza,
longe de mim o fel dessa tristeza
que traz ao coração mágoas sombrias...

As construções negativas estruturam um eu que as havia colocado, em outra época (indicada pelo "já" do primeiro verso, isto é, agora eu não desejo mais o que outrora desejei), em posição de disponibilidade e atração com relação ao que o mundo oferece como felicidade falsa, aparente - assinalada por expressões como "brilho", "fugazes", "fantasias". O eu, que se afirma pelas negativas, recusa as enganosas aspirações que experimentou no passado e se posiciona pela ausência de apreensões com relação ao futuro. O momento atual é o seu tempo, indicado pelos verbos no presente e confirmado na estrofe que segue:

Tudo espero de Deus - feliz e calma
vejo a vida passar serenamente,
sem se turvar a paz que sinto n'alma.

O vocábulo **Deus**, lançado no texto, explica o título do poema e age sobre sua forma: o "**tudo**" em início de estrofe resume o alvo das esperanças do sujeito; os substantivos **calma** e **alma**, no final do verso, com sua sonoridade que obriga a um alongamento, no uso da líquida unida à labial, alongamento também encontrado no advérbio de modo em **mente**, de si mesmo espriado por forma e conteúdo: a existência da rima interna (passar, turvar) que confirma pela forma do poema a serenidade do que ele quer significar.

**"Ante o teu lábio risonho / Ante o clarão dos teus olhos
não me apavoram escolhos / Navego como n'um sonho..."**

Esse desejo de auto-construção do sujeito, que o poema evidencia e concretiza, afirma-se igualmente no modo como ele se posiciona com relação aos outros. Neste caso, a fala da poetisa frequentemente se faz diálogo: o eu se dirige diretamente a um tu, instalando-se então uma relação de comunicação aparente. O eu fala, o tu não responde, mas seu silêncio é o silêncio da escuta, da cumplicidade, do acordo tácito, que o poema sugere. É o caso dos textos dirigidos ao noivo e logo esposo, dos poemas religiosos (em que faz preces à Virgem, a Deus) dos poemas da velhice, em que fala à Morte, à Cegueira que a ameaça, e que são personificadas, dos poemas em que se dirige a um poeta recentemente falecido, ou até mesmo à Musa que a inspira.

Nessa relação dialógica, o posicionamento do eu ante o interlocutor é elemento que o estrutura. Se o eu se dirige a Maria, mãe de Jesus, pelos apelativos de "Nossa Senhora", de "Mater Dolorosa", de "Santa Mãe", de "Virgem das Dores" e de "Mãe Piedosa", como o faz em vários poemas, isso implica numa relação de dependência e inferioridade, de aceitação de um poder alheio, sobre si, o sujeito se colocando numa atitude de servo, de filho, ou de devedor: alguém que se encontra em estado de erro, de pecado. Mas existe, por outro lado, a compaixão do eu para com a Virgem, que, como o Eu, também sofreu. O que coloca o personagem da mãe do Cristo numa relação de cumplicidade com o eu lírico, compartilhando com ele da possibilidade de sofrimento, coisa comum à espécie humana.

No poema "Naufrágio de um poeta", dedicado a Alfredo Peixoto, "a propósito de sua morte no naufrágio do Solimões", a voz que descreve o acontecimento anunciado na dedicatória, serve-se desse fato para realizar uma meditação que envolve considerações de ordem metafísica e estética - o destino do homem, o destino da poesia. A relação dialógica é instalada desde a primeira estrofe:

Colheu-te a Morte ao florescer dos dias,
e tu dormes, Poeta, o ilimitado
e eterno sono no oceano irado,
ao som das ondas fortes e bravias.

Desde essa estrofe, o leitor se instala no "fingimento" da

poesia: como falar com quem foi colhido pela morte e, mais ainda, dormindo está, e mais ainda, jaz no fundo do oceano, sendo esse mar um mar encolerizado? O poema responde a esta pergunta, ele que torna possível o impossível diálogo humano.

Estranha e paradoxalmente - pois o poema é espaço utópico, praia onde tudo pode acontecer - esse sono e esse sepultamento no sono e no mar, que se opõe à vida, representada pelo florescer dos dias e pelas ondas, esse sono não é prisão nem limitação. É o que a poetisa assinala na estrofe seguinte:

És livre, agora, enfim, das vilanias
deste mísero mundo gangrenado,
e em seu macio leito imaculado,
descansa em paz, cercado de harmonias!

O sono - a morte - é, pois, libertação e lugar de repouso: o "macio leito imaculado" se opõe ao "mísero mundo gangrenado", que o poeta abandonara. O eu lírico expõe, deste modo, suas concepções sobre o destino post-mortem do ser humano, a beatitude final, que nos espera. A estrofe seguinte exorta a alma a descansar, embalada ao som dos suspiros e soluços "da vaga enternecida". E no final, o eu faz coincidir poesia e natureza, elaborando mentalmente a transformação dos prantos do mar em versos. Imagina que esses versos foram produzidos pelo poeta, pois sua lira continua seu trabalho de criação. O que nos remete à concepção da Arte como algo que ultrapassa os obstáculos temporais e espaciais, vivendo de sua própria eternidade.

Confrontado ante o outro, o eu se revela igualmente em seus atributos funcionais: apresenta-se realizando ações que o constroem: reza (o que nos informa sobre suas crenças e grau de religiosidade), traz seus filhos ao altar da Virgem e suplica por eles, mostra-se em seu fazer cotidiano.

No poema "Visão da cegueira", o viver diário nos é entregue em ações concretas, puramente materiais, ou em atos que exigem uma elaboração intelectual, como a leitura. E a noção do exercício da visão como modo predileto de apropriação do mundo, por parte da poetisa, que se coloca inteira no texto. Ana imagina a cegueira batendo a sua porta, personagem fantástico, que surge como uma "estranha aparição/Toda vestida de negro/Qual da noite a cerração", que vem lhe anunciar que breve a terá por companheira. A reação do eu

É imediata e sua fala assim se faz:

Jesus! que triste notícia:
Cega não posso ficar
Minhas tarefas diárias
quem as iria acabar

Tanta coisa começada
Tanta coisa por fazer
roupa branca a remendar
livros queridos a ler...

E as leituras preferidas?
Os meus livros de oração
O doce, Santo Evangelho
e do Cristo a Imitação (...)

E os poetas prediletos?
Jorge de Lima, Vigny?
Murilo, Manuel Bandeira,
Verlaine, Charles Péguy?

Não mais ver a luz do sol
Nem as estrelas do céu...
Ver tudo como se fosse
Coberto por denso véu...

Interessante notar como a simplicidade da forma mesma do poema, se harmoniza com a simplicidade das ações, o ritmo regular, a rima confirmando a repetição dos gestos. Desse modo o cotidiano no nos é entregue poeticamente, a felicidade evidente do significado coincidindo com a facilidade com que flui o verso.

Felicidade de sentir, felicidade de dizer

A maior parte da produção poética de Ana Nogueira Baptista nos transmite essa impressão de prazer na escrita - coisa que aliás a gente encontra na produção poética da maioria das mulheres de então. A consciência de que fazer poesia é possibilidade de se dizer, numa época em que o silêncio era o estado habitual exigido para as mulheres, e a fala uma exceção freqüentemente vista como um desvio, que levava ao ridículo, ao desprezo, à perda da "feminilidade", a entrada da mulher num mundo que não era e nem deveria, por imposição dos homens e às vezes até das demais mulheres, seu. A poesia é alegria de poder introduzir no mundo algo definitivamente seu. E quando ela fala, a alegria, o dizer/se tor na leve, solto, e quando fala a tristeza e beleza resgatam o que poderia haver de soturno no sentido. Veja-se, por exemplo, o poe-

ma seguinte, que reproduzimos na íntegra, e que se intitula Manhã de sol, escrito na juventude de Ana -

Que formosa manhã! Minh'alma acorda
com vontade de rir. Foi-se a sombria
tristeza que inda há pouco a oprimia
e que ela agora nem sequer recorda.

Uma onda de luz enche e transborda
do coração que quase não batia...
volta-me toda a límpida alegria
que faz vibrar a sorridente corda.

Que formosa manhã! Além, nos ninhos
alegremente cantam passarinhos
se expandindo ao clarão que vem da aurora

E minha musa, num prazer infindo
se espaneia feliz, cantando e rindo, -
rindo e cantando pelo azul afora.

Observe-se a escolha do vocabulário, a repetição do verbo rir e o adjetivo correspondente (rir, rindo, sorridente) como palavras de mesmo campo semântico tais que alegria, alegremente, bem como do campo semântico referente à claridade, luz, claro, aurora. A felicidade descrita pelo eu lírico produz o poema: a felicidade, o prazer existencial experimentado pelo eu se estende à Musa, que leva o resultado da inspiração desperta ao cosmos, o infinito azul, num canto prazeroso que vence as barreiras do espaço.

Em carta à poetisa Francisca Izidora, a poetisa Ursula Garcia falou da maravilhosa sensação de descobrir um manuscrito antigo, escrito por desconhecida mão e da nostalgia melancólica que provoca essa descoberta - mesmo que nunca tenhamos tido nenhuma notícia dessa mão. É essa sensação que nos produz a poesia de Ana, voz que atravessou os anos para nos chegar, fresca e intacta, voz irmã tão semelhante à nossa, que há mais de cem anos colocou no papel aspirações que repetiríamos tanto tempo depois - escrevendo aquele mesmo poema que todos nós escrevemos, a uníssona fala humana que se arrasta pelos séculos e nos torna, a todos, contemporâneos e irmãos.

DOIS POEMAS DE ANA NOGUEIRA BAPTISTA

Trovas

Tristeza mais Alegria
Mãos dadas formando par
Certo dia, há muitos anos

Vieram me visitar.

Demorou pouco a Alegria
certo de mim não gostou
mas Tristeza gostou tanto
que nunca mais me deixou.
(escrito em 1864)

AMOR FILIAL

Tinha a voz de ironia repassada,
E falou-me de estranhas amarguras,
Contou-me a sua história angustiada,
Uma história sombria e sem venturas.

Disse que o tédio lhe oprimia os dias
Empanando-lhe o azul da mocidade,
E que nunca sentira as alegrias
Dum momento sequer de felicidade.

Atravessara o oceano tormentoso
Da existência, sem bússola ou fanal,
Nada encontrara, amor, paz ou repouso,
Em vão correrá em busca de ideal.

Em vez de amigos, só achou traidores,
E o coração ficara-lhe vazio,
Sem afetos, sem crenças, sem amores,
E triste como um plúmbeo céu sombrio!

Recordou as mulheres que outrora
Prometeram-lhe amor eternamente
E para quem, talvez, pensava agora,
O seu nome será indiferente.

Por isso tinha a alma empedernida,
Cheia de fel e cheia de desdém;
Não lastimava os males desta vida,
Nem lhe pungia o pranto de ninguém.

Tentou lutar, debalde! A correnteza
Do destino fatal levou-lhe a fé,
Fê-lo do vício e da descrença presa,
Acorrentou-o ao mal como um galé.

E falava-me a rir, quase tranqüilo,
Sem sombra de tristeza ou de saudade,
Parecendo zombar de tudo aquilo
Que assim lhe escurecera a mocidade.

Mas ao falar na mãe, por quem somente
Seu coração parece palpitar,
Eu o vi comovido e de repente
De lágrimas, nublar-se o seu olhar.

Publicado no Almanach de Pernambu-
co para 1901. Recife, 1900.